

***Campus Cacoal***  
**Coordenação do Curso Licenciatura Em Matemática**

**ADÃO GONÇALVES DANTAS FILHO**

**MANIFESTAÇÃO DE HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR:  
UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS NO XIV ENEM E NA  
PLATAFORMA SCIELO**

CACOAL  
2025

**ADÃO GONÇALVES DANTAS FILHO**

**MANIFESTAÇÃO DE HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR:  
UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS NO XIV ENEM E NA  
PLATAFORMA SCIELO**

Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus Cacoal*, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado, junto ao Curso Licenciatura em Matemática, sob a orientação da professora Samanta Margarida Milani.

CACOAL  
2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Dantas Filho, Adão Gonçalves.

Manifestação de homofobia no ambiente escolar: uma análise de produções científicas no XIV ENEM e na plataforma SciELO / Adão Gonçalves Dantas Filho, Cacoal-RO, 2025.  
20 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Samanta Margarida Milani.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Cacoal-RO, 2025.

1. Homofobia. 2. Escola. 3. Educação. I. Milani, Samanta Margarida (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

**Bibliotecário(a) Responsável:** Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916 (Reitoria)

## **MANIFESTAÇÃO DE HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS NO XIV ENEM E NA PLATAFORMA SCIELO**

**RESUMO:** Em uma sociedade marcada pela violência direcionada à comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais) e à luz das experiências vivenciadas pelo autor no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), emerge a seguinte indagação: Existem manifestações de homofobia no ambiente escolar? Em caso afirmativo, de que forma essas manifestações se desenvolvem nas dinâmicas escolares? Diante dessa problemática, o presente estudo, sustentado por uma metodologia de natureza qualitativa e bibliográfica, teve como objetivo principal analisar as manifestações de homofobia no ambiente escolar com base nas pesquisas disponíveis nos anais do XIV ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) e na plataforma *SciELO* (*Scientific Electronic Library Online*). Além disso, buscou-se identificar as principais manifestações de homofobia no ambiente escolar, as percepções dos estudantes acerca do tema e classificar os diferentes tipos de violência homofóbica presentes nesse contexto. Os resultados apontaram a existência de manifestações homofóbicas no ambiente escolar, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, destacando-se a presença de violências físicas, verbais e psicológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** homofobia; escola; educação.

**ABSTRACT:** In a society marked by violence directed at the LGBTQIA+ community (Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites, Transsexuals, Queer, Intersex, Asexuals) and in light of the experiences lived by the author within the scope of the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation (PIBID), the following question emerges: Are there manifestations of homophobia in the school environment? If so, how do these manifestations develop in school dynamics? Given this problem, the present study, supported by a qualitative and bibliographic methodology, had as its main objective to analyze the manifestations of homophobia in the school environment based on research available in the annals of the XIV ENEM (National Meeting of Mathematics Education) and on the SciELO platform (Scientific Electronic Library Online). In addition, we sought to identify the main manifestations of homophobia in the school environment, the students' perceptions on the topic and classify the different types of homophobic violence present in this context. The results pointed to the existence of homophobic manifestations in the school environment, both on the part of students and teachers, highlighting the presence of physical, verbal and psychological violence.

**KEYWORDS:** homophobia; school; education.

## 1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade marcada por uma realidade homofóbica, conforme destacam Mott e Cerqueira (2001), observa-se que, mesmo no século XXI, pessoas não heterossexuais continuam sendo vítimas de violência e preconceito no Brasil. Esse fenômeno possui raízes profundamente enraizadas na cultura do país, onde essas pessoas frequentemente enfrentam agressões e abusos, inclusive em seus próprios lares. Os autores também ressaltam que há discursos presentes no contexto brasileiro que legitimam a violência contra indivíduos homossexuais, perpetuando-se em diversos âmbitos, como nas instituições de ensino, nos espaços urbanos e nas práticas cotidianas.

Nesse contexto, a pesquisa foi motivada pelos questionamentos levantados e pelas situações vivenciadas pelo autor durante sua participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Durante essas vivências, foi possível observar a presença de atitudes homofóbicas no ambiente escolar, manifestadas tanto entre os alunos quanto por parte dos próprios profissionais da educação.

A partir destes questionamentos e observações informamos que o objetivo deste trabalho é analisar as manifestações de homofobia no ambiente escolar com base nas pesquisas disponíveis no anais do XIV ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) e na plataforma *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*.

E para alcançar o nosso objetivo vamos definir o conceito de homofobia a partir de uma revisão bibliográfica das definições e abordagens teóricas presentes na literatura acadêmica, identificar as principais manifestações de homofobia no ambiente escolar, as percepções dos estudantes sobre a homofobia e classificar os diferentes tipos de violência homofóbica presentes nesse contexto. Para isso, a forma como seguiremos essa pesquisa será por meio de uma abordagem de revisão bibliográfica de cunho qualitativo.

O presente trabalho está estruturado em um referencial teórico composto por duas seções: "Homofobia" e "Homofobia no Ambiente Escolar". A primeira seção aborda e conceitua o termo homofobia, enquanto a segunda trata especificamente das manifestações de homofobia no contexto escolar. Em seguida, a metodologia descreve os métodos utilizados na pesquisa. Posteriormente, os resultados e discussões

apresentam as manifestações de homofobia no ambiente escolar dos trabalhos acadêmicos encontrados. Por fim, são apresentadas as considerações finais com base nos objetivos estabelecidos e nas análises realizadas ao longo do estudo.

A relevância desta pesquisa busca ampliar o entendimento sobre a homofobia, entender como ela está presente dentro do ambiente escolar, além de que contribui no âmbito de pesquisas sobre o tema, uma vez que não há muitos trabalhos que falam acerca de homofobia, tendo em menor quantidade ainda quando se trata do assunto dentro do ambiente escolar. Além disso, a pesquisa contribui para a ampliação da discussão na área da educação promovendo a conscientização de diversos públicos. Ainda assim, a pesquisa favorece uma melhor compreensão de um tema complexo e que poderá estimular mudanças culturais e sociais.

## **2 HOMOFOBIA**

Segundo Masiero (2013), o preconceito consiste em ideias negativas concedidas a determinados grupos ou indivíduos, direcionadas às suas características específicas. Além disso, a autora afirma que o termo discriminação se refere à "ação" decorrente do preconceito, à medida que a discriminação faz com que as relações sociais com o indivíduo ou grupo alvo de preconceito sejam conduzidas de maneira desigual e injusta.

Diante do exposto, pode-se afirmar que pessoas que se afastam da heterossexualidade — entendida como a atração sexual por indivíduos do sexo oposto — são frequentemente alvo de preconceito e discriminação. Essa realidade é retratada pela autora Masiero (2013), ao destacar que o termo "homofobia" foi introduzido pelo psicólogo George Weinberg na década de 1970 para descrever tanto o medo e a aversão direcionados a pessoas homossexuais quanto o medo e a aversão que algumas dessas pessoas podem sentir em relação a si mesmas. A autora acrescenta, ainda, que essa definição "simplificada" de homofobia é insuficiente, pois o fenômeno é complexo e multifacetado, ultrapassando a mera aversão ou medo, e configurando-se também como um fenômeno cultural e social.

Nesse contexto, observa-se que a homofobia não se limita a uma mera aversão ou medo. Conforme apontado por Costa e Nardi (2015), o termo "homofobia" tem sido empregado para explicar e conceituar a violência e a discriminação enfrentadas por pessoas com orientações sexuais distintas da heterossexualidade no Brasil.

Outra perspectiva frequentemente atribuída aos homossexuais é a de que são vistos como pessoas doentes. Essa interpretação pode ser confirmada a partir da análise de Junqueira (2007), que argumenta que o termo "homofobia" é, em muitos casos, tratado como uma patologia. Isso ocorre porque há uma tendência a direcionar práticas terapêuticas a comportamentos não heterossexuais, considerados inadequados por determinados grupos ou indivíduos.

No que tange à concepção da homossexualidade como uma doença, é importante notar que, historicamente, essa visão foi, de fato, prevalente. No entanto, conforme relatado por Junqueira (2007), a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais na década de 1970. Além disso, Junqueira observa que, na década de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) também desclassificou a homossexualidade como doença e a excluiu do Código Internacional de Doenças (CID). No contexto brasileiro, o autor acrescenta que os Conselhos de Medicina e de Psicologia, nas décadas de 1980 e 1990, respectivamente, não consideravam a homossexualidade como uma patologia.

Sendo assim, considerando que a homofobia é uma questão cultural e política, Borrillo (2009) argumenta que a discriminação, o preconceito e a violência não afetam apenas os homossexuais, mas também os heterossexuais que não se enquadram nos padrões considerados normativos para a heterossexualidade. Para o autor, a definição do que é ser heterossexual está vinculada à reprodução de uma ordem social que estabelece o que é "correto" com base no mecanismo de reprodução biológica da espécie. Dessa forma, todos os heterossexuais que se desviam desse padrão<sup>1</sup> estabelecido também sofrem preconceito, discriminação e violência, de forma similar àqueles que são homossexuais. Além disso, para corroborar a análise de Borrillo, Nattarelli (2015) argumenta que a homofobia atua como um mecanismo de controle social, promovendo a naturalização de violências físicas, psicológicas e verbais direcionadas a pessoas homossexuais.

Em relação à homofobia, Borrillo (2010) a classifica em duas categorias: geral e específica. O autor define a homofobia geral como a dualidade existente entre os

---

<sup>1</sup> De acordo com Moura e Nascimento (2021), o conceito de desvio de padrão relacionado a um homem refere-se a comportamentos considerados pela sociedade como femininos ou associados à feminilidade. Da mesma forma, compreende-se que esse fenômeno também pode ocorrer de maneira inversa, quando meninas ou mulheres adotam comportamentos tradicionalmente vinculados à masculinidade.

conceitos de ser homem e ser mulher. Segundo Borrillo, essa forma de homofobia se origina das normas sociais e culturais preestabelecidas sobre o que é considerado masculino e feminino. O autor argumenta que a homofobia geral manifesta-se através da discriminação quando indivíduos de um gênero exibem características ou comportamentos tradicionalmente atribuídos ao gênero oposto. Por exemplo, quando indivíduos do gênero masculino demonstram atributos associados ao gênero feminino, ou vice-versa. No que diz respeito à homofobia específica, Borrillo (2010) afirma que ela se manifesta predominantemente contra gays e lésbicas, sendo identificadas como "gayfobia" e "lesbofobia". O autor observa que a lesbofobia apresenta características distintas da gayfobia, pois, além da aversão às relações entre duas mulheres, inclui também um preconceito baseado no gênero, resultando em discriminações que envolvem ambos os aspectos.

Com base nas definições apresentadas pelos autores, entende-se a homofobia como uma forma de preconceito e discriminação direcionada a pessoas da comunidade LGBTQIA+. Essas manifestações podem ocorrer por meio de violências físicas, verbais ou psicológicas, apresentando-se de forma explícita, como agressões diretas, ou implícitas, através de violências veladas.

Considerando a presença da homofobia na sociedade, entende-se que esse fenômeno ocorre nas escolas, uma vez que, conforme Silva, Araújo e Oliveira (2021), a escola reflete as dinâmicas da sociedade. Nesse contexto, Prado e Ribeiro (2015) confirmam que a homofobia ocorre no ambiente escolar, onde pessoas homossexuais são frequentemente vistas como "anormais". Além disso, os autores destacam a dificuldade em expressar sexualidades que não se alinham com a heterossexualidade dentro do ambiente escolar. Quando essas expressões ocorrem, elas frequentemente são acompanhadas de termos pejorativos dirigidos às pessoas homossexuais.

### **3 HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Considerando o conceito de homofobia e sua ocorrência no ambiente escolar, Russell (2011) afirma que a homofobia ocorre nas escolas porque estas são regidas por normas de gênero e sexualidade, de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, criando expectativas em relação ao que é considerado masculino, feminino e heterossexual. É relevante ressaltar que essas normas também têm fundamentos

religiosos. Segundo Silva e Junior (2016), as crenças de base cristã frequentemente apresentam uma visão negativa em relação à homossexualidade.

Prado e Ribeiro (2016) argumentam que, em função das regras estabelecidas, é difícil demonstrar qualquer indício de homossexualidade no ambiente escolar, especialmente quando esta é tratada como algo inapropriado, particularmente em relação a pessoas do sexo masculino, que são socialmente pressionadas a "serem homens". Além disso, os autores destacam que tal contexto gera uma pressão para que as pessoas ocultem sua orientação sexual, a fim de evitar julgamentos.

Prado e Ribeiro (2016) também destacam em seu estudo que, quando há demonstração de homossexualidade, são proferidas diversas injúrias contra as pessoas que a expressam, utilizando termos como "viadinho", "bicha" e "sapatão". Os autores afirmam ainda que essas não são apenas palavras soltas, mas agressões intencionais e depreciativas, que deixam marcas tanto na memória quanto no corpo das vítimas.

Mesmo diante de injúrias e outros tipos de violência, sejam elas físicas, psicológicas ou verbais, Souza e Silva (2019) afirmam que, no que se refere aos professores, muitos desses profissionais observam situações de homofobia ocorrendo entre os alunos no ambiente escolar e ainda assim tratam o assunto de maneira trivial, como se não representasse um problema.

Pode-se observar que essa situação necessita ser revista, considerando que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 12º, inciso IX, estabelece que "IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas; (Incluído pela Lei nº 13.663, de 2018)" (BRASIL, 1996, pág. 6). Nesse contexto, além do *bullying*<sup>2</sup> convencional, destaca-se a questão do *bullying* homofóbico - processos de preconceito, violência, discriminação em relação à homofobia (Monk, 2011) -, para o qual também é necessário promover a prevenção e o combate à homofobia, uma vez que este igualmente gera intimidação.

É crucial destacar que a homofobia não afeta apenas os alunos, mas também os professores. Nesse contexto, Freitas e Rodrigues (2022) argumentam que os professores enfrentam homofobia, especialmente aqueles que lecionam nas séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano). O autor também observa que a profissão

---

<sup>2</sup> Segundo Alves (2016), o termo *bullying* engloba todas as formas de situações de violência, sendo também considerado sinônimo de violência.

docente historicamente tem sido percebida como predominantemente feminina, o que leva o professor a adotar comportamentos heteronormativos, assumindo uma postura socialmente esperada de "homem".

Nesse sentido, Freitas e Rodrigues (2022) acrescentam que os professores homossexuais, frequentemente, enfrentam uma percepção negativa nas escolas, sendo considerados moralmente questionáveis e vistos como estranhos. Esse preconceito é intensificado pela crença de que os professores homossexuais poderiam influenciar negativamente os alunos, levando-os a também se tornarem homossexuais. Além disso, os autores afirmam que, em razão dessa situação, os professores homossexuais optam por ocultar sua orientação sexual e conformar-se às normas heteronormativas impostas pela escola e pela sociedade. Dessa forma, evitam sofrer as punições sociais frequentemente dirigidas aos homossexuais.

Nesse contexto, a revisão teórica evidencia a relevância de compreender as manifestações de homofobia no ambiente escolar. A análise teórica também aponta atitudes e comportamentos associados à homofobia, os quais impactam tanto o espaço educacional quanto os indivíduos que dele fazem parte. Dessa forma, o referencial teórico fundamenta a necessidade de identificar e descrever tais ocorrências de homofobia, buscando elucidar as maneiras como essa questão se manifesta na escola.

#### **4 METODOLOGIA**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as manifestações de homofobia no ambiente escolar com base nas pesquisas disponíveis nos anais do XIV ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) e na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online).

A metodologia adotada será de natureza qualitativa e bibliográfica. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica "[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos", além disso o autor complementa que "a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais" (Gil, 2002, p. 42). Com esse enfoque, a pesquisa estará direcionada para a análise de artigos científicos previamente publicados que

tratam da homofobia no ambiente escolar. As fontes de dados utilizadas serão exclusivamente secundárias, consistindo em artigos acadêmicos acessíveis nos anais do XIV ENEM e na plataforma SciELO.

Para a seleção dos artigos nos anais do XIV ENEM, foram encontrados inicialmente 821 trabalhos, dos quais foram selecionados apenas os pertencentes ao Eixo 5 (Práticas Inclusivas em Educação Matemática), que totaliza 46 trabalhos. Para um refinamento adicional, visando alcançar os objetivos da pesquisa, foram selecionados apenas os artigos cujo título incluísse as palavras "sexualidade", "diversidade sexual" e "LGBTI+", resultando em um total de 3 trabalhos.

Considerando a escassez de trabalhos que tratam de homofobia ou sexualidade especificamente no ambiente escolar, foi decidido ampliar a pesquisa para outra base, a SciELO, com o intuito de identificar estudos adicionais sobre o tema. Na plataforma SciELO, foram utilizados os descritores "escola" e "homofobia" como palavras-chave principais na busca, com a opção de filtrar apenas os trabalhos escritos em português. A partir dessa busca, foram encontrados 12 trabalhos, dos quais apenas 1 se mostrou alinhado aos objetivos da pesquisa, sendo que os demais abordavam questões predominantemente políticas e curriculares.

A pesquisa, portanto, foca em artigos que abordam especificamente episódios de homofobia no ambiente escolar ou exploram as percepções de alunos egressos ou não sobre o tema nesse contexto. Serão considerados apenas os artigos que apresentem relatos ou análises de manifestações de homofobia, sejam elas de caráter físico, verbal, moral, sexual ou psicológico. Os artigos selecionados para análise estão apresentados na tabela a seguir:

<b>Autores(as) - (Ano)</b>	<b>Título</b>	<b>Banco digital</b>
Thenessi Freitas Matta, Stella Regina Taquette, Luciana Maria Borges da Matta Souza e Claudia Leite de Moraes - 2021	Diversidade Sexual na Escola: Estudo Qualitativo com Estudantes no Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro	SciELO
Joana Parga Rodrigues de Carvalho - 2022	Diversidade Sexual no Ensino de Análise Combinatória: Um Relato de Uma Professora Insubordinada Criativa	XIV ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática

Hygor Batista Guse e Agnaldo da Conceição Esquincalha - 2022	“É Bixa, Mas É Inteligente”: Atravessamentos Da Matemática na Trajetória Escolar de Professores(as) LGBTI+ de Matemática	XIV ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática
João Gabriel Souza Freitas, Lara Fernanda Leonel Ramires e Fernanda Malinosky Coelho da Rosa - 2022	Traços de Um Estado Da Arte: Discussões Sobre Sexualidade e Matemática	XIV ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática

## 5 RESULTADO E DISCUSSÕES

No trabalho de Esquincalha e Guse (2022), foi utilizado como metodologia as narrativas (auto)biográficas de 6 professores e professoras de matemática que foram identificados com nomes fictícios, sendo eles: Helder, Paulo, Janaina, João, Ticiane e Helena.

O texto explora, além das vivências de homofobia enfrentadas por esses professores no ambiente escolar quando eram alunos, a posição de superioridade atribuída à matemática em detrimento de outros campos do conhecimento. Segundo Esquincalha e Guse (2022), o saber matemático é tratado como um conhecimento valioso e, assim, a matemática torna-se aquilo que narramos sobre ela, com tal discurso sendo capaz de influenciar nossa percepção e nossa capacidade de atuação sobre o campo. Ainda de acordo com os autores, a maneira como a matemática é narrada contribui para que seja vista como uma realidade dominante, ocupando um lugar de superioridade em relação a outros saberes. Dessa forma, a matemática assume também posições sociais e culturais, consolidando-se como sinônimo de inteligência.

Nesse sentido, os professores que foram entrevistados obtiveram uma proteção da “matemática” para deixarem de sofrer homofobia, mesmo que por pouco tempo, pois essa atitude não evitou que eles sofressem discriminação no ambiente escolar. podemos observar isso na fala dos professores.

“[...] no primeiro ano eu ainda conseguia me safar [de situações de discriminação] porque eu dava muita cola para os alunos menos capacitados de entender os assuntos. Aí eu me safava... Mas aí, depois eu fui me tornando um aluno não tão muito bom, e aí eu não tinha nem para mim quanto mais para dar para os outros, então eu já comecei a sofrer essas coisas. (Helder)

[...] eu dava aula para o pessoal, sentava com o pessoal antes da prova, ajudava, fazia trabalho, discutia, tinha uma habilidade para lidar com aquilo e consegui passar ileso. (Janaina)

[...] a matemática, de certa forma, me salvou ao longo da educação básica porque ela foi o que me permitiu ser visto, né. Ser um representante... Ninguém quer passar a sua Educação Básica, a sua escola, como sendo apagado. Você quer ser lembrado de certa forma, você quer ser visto, você quer ser reconhecido por alguma coisa. (João)

[...] as pessoas já viam assim: “Não ...”, vamos dizer a grosso modo: “É bixa, mas é inteligente”. Entendeu? E isso se tornou uma forma de blindagem. (Ticiane)

[...] como eu sempre fui uma pessoa muito solícita a ajudar os outros em relação a matemática, isso acabou facilitando as minhas relações durante o ensino médio, sabe? (Helena)” (Esquincalha e Guse, 2022, pg.6).

Entretanto, conforme o estudo de Esquincalha e Guse (2022), embora alguns professores tenham conseguido evitar determinadas situações de discriminação homofóbica, ainda assim vivenciaram diversas experiências de preconceito. Alguns dos entrevistados relataram episódios de violência física por sua orientação sexual, como descreve o professor João, enquanto a professora Ticiane observa que “a Educação Básica se resume a [...] muita segregação, muita violência velada, muito silenciamento, muito constrangimento” (Esquincalha e Guse, 2022, p. 7). Essas situações vão ao encontro do pensamento de Prado e Ribeiro (2016), que destacam em seu estudo que, diante da manifestação de homossexualidade, ocorrem agressões intencionais, incluindo o uso de palavras injuriosas, como “viadinho”, “bicha” e “sapatão”, que deixam marcas na memória e no corpo das vítimas.

Nesse contexto de homofobia velada, o estudo de Assemany e Carvalho (2022) destaca que abordar questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar é uma tarefa desafiadora, especialmente em contextos onde preconceitos e visões conservadoras se encontram fortalecidos. No relato descrito no estudo das autoras supracitadas, observa-se que uma professora de matemática foi questionada por um aluno, durante sua aula, por ter se dirigido a uma aluna transsexual utilizando seu nome social, em vez do nome registrado na chamada. Esse episódio, conforme as autoras, levanta a preocupação sobre a real preparação do ambiente escolar para a inclusão de pessoas LGBTQIA+.

Na pesquisa de Assemany e Carvalho (2022), as autoras descrevem uma atividade aplicada a alunos do 3º ano do ensino médio em uma escola estadual situada no bairro de Vargem Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, instituição que conta com aproximadamente 400 alunos distribuídos em 10 turmas. A atividade foi realizada com

uma turma de 15 alunos, ocupando os dois primeiros períodos de aula, e envolveu o conteúdo de Análise Combinatória, sendo proposta a seguinte questão: “Numa festa há três rapazes, Pedro, Paulo e William, e três moças, Laura, Ana e Bia. De quantas formas podemos organizar estas pessoas em casais?” (Assemany e Carvalho, 2022, p. 5).

As autoras relatam que 11 alunos responderam com o valor 9 (3 multiplicado por 3), refletindo a suposição de que os casais formados seriam heterossexuais. Além disso, 2 alunos manifestaram uma visão diferenciada, questionando a composição dos casais com a observação de que “depende do que acontece nas festas entre as pessoas envolvidas” (Assemany e Carvalho, 2022, p. 5). Um determinado aluno, não encontrando todas as possibilidades, mas respondeu que “são 9 possibilidades de cada menino com cada menina” (Assemany e Carvalho, 2022, p. 5). E outros três alunos desenvolveram uma árvore de possibilidades, desconsiderando a formação de casais homossexuais.

Entretanto, Assemany e Carvalho (2022) relatam acerca de uma aluna que considerou a possibilidade de formação de casais homossexuais e sentiu-se certo receio de ser repreendida pela professora, temendo que a solução proposta, ao contemplar casais homossexuais, pudesse ser considerada desrespeitosa.

Em seguida, os alunos foram incentivados a refletir sobre o motivo pelo qual a maioria considerou apenas a possibilidade de casais não homossexuais. Um dos estudantes afirmou: “estamos acostumados a pensar em caixinhas, professora” (Assemany e Carvalho, 2022, p. 7).

Ao considerar o enfoque dos alunos em resolver o exercício apenas com casais heterossexuais, observa-se um alinhamento com o pensamento de Russell (2011), que afirma que a homofobia ocorre nas escolas devido ao fato de serem regidas por normas de gênero e sexualidade que refletem os padrões estabelecidos pela sociedade. Nessa mesma direção, Freitas, Ramires e Rosa (2022) afirmam que a expressão da sexualidade que diverge da norma é frequentemente vista como algo absurdo ou exagerado e, conseqüentemente, passa a ser estigmatizada, condenada e oprimida, contrariando a ideia de uma padronização da sexualidade.

No estudo intitulado “Trações de um Estado da Arte: discussões sobre sexualidade e Matemática”, Freitas, Ramires e Rosa estabelecem como objetivo compreender como preconceitos, estigmas e *bullying* impactam o ensino e a aprendizagem de Matemática de pessoas consideradas de sexualidades desviantes.

O trabalho “utiliza traços da Metodologia do Estado da Arte fundamentada no estudo dos conteúdos apresentados nas dissertações e teses já existentes no meio acadêmico” (Freitas, Ramires e Rosa, 2022, pg. 5). Nesse contexto, foram pesquisados trabalhos de mestrado e doutorado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) utilizando os descritores “diversidade”, “sexualidade” e “matemática”. Os autores relatam que, dentre os 27 trabalhos encontrados, foram selecionados apenas 9, com base na análise dos objetivos dos estudos realizados.

Em um dos trabalhos analisados pelos autores supracitados, a pesquisa intitulada como “Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno”, traz como resultados que os professores têm dificuldade em falar sobre sexualidade e que também quando comentam, afirmam conceitos equivocados e que podem acarretar em problemas em relação a formação do aluno, podendo se tornar conceitos preconceituosos.

Para evitar tais situações e promover a inclusão desses temas no ambiente escolar, Freitas, Ramires e Rosa (2022) afirmam que as escolas precisam implementar diversas adaptações. Entre elas, destacam-se o apoio aos professores, oferecido por meio de palestras e cursos que abordem questões de gênero e sexualidade, sem que essas temáticas sejam tratadas como proibidas ou a serem evitadas. Isso visa abrir espaços de diálogo na comunidade escolar, onde os alunos possam expressar suas dúvidas e reflexões sobre gênero e sexualidade.

Além disso, os autores ressaltam que a comunidade escolar deve estar preparada para abordar esses temas, de modo a lidar adequadamente com alunos que enfrentam bullying, preconceito ou violência. Conforme observado por Silva, Araújo e Oliveira (2021), a escola reflete a dinâmica da sociedade, onde a homofobia também se manifesta. Prado e Ribeiro (2015) reforçam essa perspectiva ao afirmar que a homofobia está presente no ambiente escolar, onde pessoas homossexuais são frequentemente vistas como “anormais”.

Partindo do pressuposto de que professores de matemática, em sua época escolar, também foram alunos e que estudantes homossexuais compõem o ambiente escolar, conforme evidenciado nas pesquisas anteriores, passamos a analisar as falas de alunos sobre o tema, conforme a pesquisa realizada por Matta et al. (2021), intitulada “Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro, Brasil”.

A pesquisa mencionada tem como objetivo “analisar como estudantes do Ensino Médio percebem seus pares das minorias sexuais e como entendem a atitude da escola e educadores frente à diversidade sexual” (Matta et al., 2021, p. 1). A abordagem metodológica utilizada foi mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos, com estudantes do 2º ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas do município do Rio de Janeiro, especificamente da IX Região Administrativa. Os dados foram coletados por meio de grupos focais, com no mínimo 6 e no máximo 12 participantes, de ambos os sexos. No total, participaram 13 grupos, sendo 7 de escolas públicas e 6 de escolas privadas, totalizando 132 estudantes.

A pesquisa de Matta et al. (2021) revelou que a maioria dos alunos se identificava como heterossexual, com apenas 4,7% afirmando já ter tido relações com pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, algumas falas surgidas durante os grupos permitem observar certos apontamentos, tais como: “É muita convivência, a gente se acostuma (aluna, G1)” e “Eu tenho vários amigos gays e lésbicas, não é uma nem duas, são vários (aluna, G4)”, ou “Hoje em dia é normal (aluno, G3)” (Matta et al., 2021, p. 6). Essas falas sugerem que a visibilidade de pessoas homossexuais têm promovido uma maior compreensão e valorização da diversidade.

Contudo, não se pode afirmar que essa é uma opinião unânime ou que todos estão livres de preconceitos. No estudo, as autoras apontam que as alunas demonstraram um nível mais elevado de aceitação em relação à diversidade sexual comparado aos alunos. Isso pode ser ilustrado na fala de um dos alunos: “Pode me dar um cigarro? E ele pegar e botar o cigarro na boca. Pra mim, fumar eu não aceito [...] Agora, se ele tirar dentro de um maço e me dar, é uma coisa (aluno, G6)” (Matta et al., 2021, p. 6). Essa fala sugere a ideia de que a homossexualidade poderia ser vista como algo “contagioso” ou “impuro”, refletindo uma construção social enraizada em períodos históricos em que a homossexualidade foi considerada uma patologia, como discutido no trabalho de Junqueira (2007), que argumenta que o termo homofobia é frequentemente tratado como uma patologia.

Também se observa nas falas dos alunos uma reprodução das normas de gênero socialmente construídas. Conforme apontado por Borrillo (2009), o que é considerado ser heterossexual está vinculado à reprodução de uma ordem social que define o que é “correto” com base no mecanismo de reprodução biológica. Assim, heterossexuais que fogem desse padrão também podem sofrer preconceito, discriminação e violência, de maneira semelhante aos homossexuais. Esse processo de construção

social é evidenciado na fala: “Tem que vir normal. Tem gente que já vem de calça apertada (aluno, G2)” (Matta et al., 2021, p. 6), sugerindo que o uso de calça apertada deveria ser exclusivo das meninas.

É igualmente perceptível, nas falas das alunas, participantes da pesquisa de Matta et al., (2021), que os profissionais da escola tratam de forma distinta estudantes heterossexuais e homossexuais. Isso pode ser observado em depoimentos como: “Aí, um casal hétero, se beijando no corredor, a coordenação passa, não faz nada... Mas, se tiver dois homossexuais, eles vão reclamar (aluna, G7)” e “Uma aluna não pode ir ao banheiro com a outra porque a coordenação simplesmente proibiu... (aluna, G9)” (Matta et al., 2021, p. 8).

Ainda em relação aos funcionários da escola, uma aluna relata que os professores não tomam atitude diante de situações de homofobia, como evidenciado na fala a seguir.

“Eles... tipo, excluem a pessoa, das coisas, ficam fazendo bullying. Porque a pessoa pode fingir que não é nada, sabe? Mas pra ela é difícil, ela vai chorar, ela vai ficar triste... E os professores aceitam. Pelo menos eu nunca vi nenhum tipo de repressão... (aluna. G1)” (Matta *et al.*, 2021, pg. 10).

Nesse sentido, Souza e Silva (2019) corroboram que, no que diz respeito aos professores, muitos observam situações de homofobia entre os alunos e as tratam de forma trivial, como se tais ocorrências não representassem um problema.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, considerando que o objetivo deste estudo é analisar as manifestações de homofobia no ambiente escolar com base nas pesquisas disponíveis nos anais do XIV ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) e na plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online), bem como os aspectos expostos anteriormente, é possível afirmar que a homofobia se faz presente no contexto escolar.

Dentre as diversas formas de manifestação da homofobia, destacam-se a violência física, verbal e psicológica, sendo evidente que tais agressões, em geral, não ocorrem isoladamente, mas sim de maneira concomitante. Isso foi constatado na pesquisa realizada, na qual se verificou a persistência dessas violências. A título de exemplo, a violência física foi relatada pelo professor João, que afirmou ter sido vítima

dessa agressão em razão de sua orientação sexual. Além disso, observou-se que alunos cuja orientação sexual difere da heteronormatividade são frequentemente julgados, inclusive em relação às vestimentas que utilizam, conforme evidenciado pelo relato do Aluno G2.

Ademais, verificou-se a ocorrência da violência velada, uma vez que, conforme o relato da Aluna G7, a coordenação escolar não interfere quando um casal heterossexual se beija, mas, caso o casal seja homossexual, a repreensão ocorre. A violência verbal também se fez presente, manifestando-se por meio do uso de expressões pejorativas e discriminatórias, tais como “viadinho”, “bicha” e “sapatão”, entre outras.

Além das formas explícitas de homofobia, constatou-se que a questão não é abordada de maneira adequada no ambiente escolar e nem fora dele. Isso se reflete, por exemplo, na ausência de representatividade de casais homoafetivos em atividades matemáticas que envolvem a formação de casais, o que reforça a exclusão e o apagamento dessa realidade. Quando essa possibilidade é cogitada por alguns estudantes, há receio de que tal menção possa ser interpretada como um comportamento desrespeitoso.

Nesse contexto, destaca-se a inter-relação entre diferentes tipos de violência, tais como a associação entre agressão verbal e violência física, violência verbal e psicológica, ou mesmo violência física e psicológica. Além disso, torna-se imprescindível refletir sobre as formas pelas quais essas manifestações são percebidas e enfrentadas por estudantes e profissionais da educação. Diante desse cenário, emergem questões fundamentais: como lidar com a homofobia nas escolas e salas de aula? Como os professores percebem e combatem a homofobia no ambiente escolar? De que forma as instituições de ensino podem se tornar mais inclusivas para pessoas LGBTQIA+? Essas indagações não apenas fomentam reflexões, mas também incentivam a realização de novas pesquisas, especialmente diante da escassez de estudos acadêmicos voltados à comunidade LGBTQIA+.

## 7 REFERÊNCIAS

ALVES, Mariana Gaio. Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 594-613, 2016.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. **Homofobia e educação**, 2009.

BORRILLO, Daniel. História e crítica de um preconceito. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2010.

**Brasil**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CARVALHO, Joana Parga Rodrigues de; ASSEMANY, Daniella. Diversidade sexual no ensino de análise combinatória: um relato de uma professora insubordinada criativa. In: Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Brasília, DF: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/483798-DIVERSIDADE-SEXUAL-NO-ENSINO-DE-ANALISE-COMBINATORIA--UM-RELATO-DE-UMA-PROFESSORA-INSUBORDINADA-CRIATIVA>. Acesso em: 03 nov. 2024.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em psicologia**, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015.

DA SILVA, Sulene Rosa; DE ARAÚJO, Eleno Marques; DE OLIVEIRA VIEIRA, Vânia Maria. A importância da abordagem de gênero e sexualidade no contexto escolar. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 51945-51961, 2021.

DE SOUZA, Jackeline Maria; DA SILVA, Joilson Pereira. Homofobia: discutindo a discriminação no meio escolar. **Revista Fórum Identidades**, 2014.

DO PRADO, Vagner Matias; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Homofobia e educação sexual na escola-Percepções de homossexuais no ensino médio. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 137-152, 2015.

FREITAS, João Gabriel Souza; RAMIRES, Lara Fernanda Leonel; MALINOSKY, Fernanda. Traços de um estado da arte: discussões sobre sexualidade e matemática. In: Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Brasília, DF: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/484256-tracos-de-um-estado-da-arte--discussões-sobre-sexualidade-e-matematica>. Acesso em: 02 nov. 2024.

FREITAS, Wanderson Lima; RODRIGUES, Fernanda Sleiman. PROFESSORES HOMOSSEXUAIS. **Revista Educação & Ensino-ISSN 2594-4444**, v. 6, n. 2, 2022.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. **São Paulo: Atlas**, 2002.

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. “É bixa, mas é inteligente”: atravessamentos da matemática na trajetória de professores(as) LGBTI+ de matemática. In: Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática. Brasília, DF: [s.n.], 2022. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/484259-e-bixa-mas-e-inteligente--atravessamentos-da-matematica-na-trajetoria-de-professores\(as\)-lgbti-de-matematica](https://www.even3.com.br/anais/xivenem2022/484259-e-bixa-mas-e-inteligente--atravessamentos-da-matematica-na-trajetoria-de-professores(as)-lgbti-de-matematica). Acesso em: 02 nov. 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2007.

MASIERO, Clara Moura. Homofobia: história e crítica de um preconceito. **Emblemas**, v. 10, n. 2, 2013.

MATTA, Thenessi Freitas et al. Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do ensino médio do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. e00330820, 2021.

MONK, Daniel. Challenging homophobic bullying in schools: The politics of progress. **international Journal of Law in Context**, v. 7, n. 2, p. 181-207, 2011.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. Causa mortis: homofobia. **Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia**, 2001.

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, p. e65840, 2021.

NATARELLI, Taison Regis Penariol et al. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 4, p. 664-670, 2015.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2016.

RUSSELL, Stephen T. Challenging homophobia in schools: Policies and programs for safe school climates. **Educar em Revista**, p. 123-138, 2011.

SILVA, Luan Layzon Souza; JUNIOR, Francisco Francinete Leite. Homofobia na escola: Problematizando gênero e sexualidade entre estudantes do ensino médio. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 2, 2016.